



UC/FPCE_2017

Universidade de Coimbra
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

Solidão e bem-estar subjetivo em pessoas em situação de sem-abrigo

Ana Carolina Basílio de Saavedra Ribeiro (e-mail:
inacarol1@hotmail.com)

Dissertação de Mestrado em Psicologia da Educação,
Desenvolvimento e Aconselhamento sob a orientação do Professor
Doutor Joaquim Armando Gomes Alves Ferreira

Título da dissertação - Solidão e bem-estar subjetivo em pessoas em situação de sem-abrigo

Resumo

O presente estudo visa caracterizar os participantes em situação de sem-abrigo e compreender a relação entre a solidão e bem-estar subjetivo (afetividade positiva e negativa) em relação aos fatores sociodemográficos, tais como, o sexo, o grupo etário e tempo de permanência em situação de sem-abrigo. A amostra do presente estudo é constituída por 172 participantes, sendo que 84.2% correspondem ao sexo masculino e 15.8% ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos de idade.

Relativamente aos resultados do estudo sublinhamos por exemplo, que a solidão é melhor preditor do bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetividade positiva e afetividade negativa) do que as variáveis sociodemográficas. Esta informação tem certas implicações e vai de encontro a outras investigações que têm revelado que os fatores sociodemográficos explicam apenas uma pequena parte da variância do bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000). Outro resultado que importa referir é a existência de uma correlação negativa entre a solidão e a satisfação com a vida. Através da realização deste estudo, verificamos que a solidão é uma dimensão que assume diversas implicações na vida dos sem-abrigo, inclusive ao nível da satisfação com a vida e importa encontrar respostas a esta situação. O *“Housing First”* surge como um começo e uma potencial solução, visto que, atribuí um papel ativo a nível pessoal e comunitário, facilitando assim o processo de integração social das pessoas que vivem em situação de sem-abrigo (Ferreira, et al., 2015).

Palavras-chave: Sem-abrigo, solidão, bem-estar subjetivo, afetividade positiva, afetividade negativa.

Title of dissertation: Loneliness and subjective well-being in homeless people

Abstract

The present study aims to characterize the participants in an homelessness situation as well as understand the relationship between loneliness and subjective well-being (positive and negative affectivity) regarding the sociodemographic factors, such as, the gender, the age range, and the duration of the homelessness

situation. The sample of this study is composed by 172 participants, and taking into account that 84.2% correspond to male gender, and 15.8% to feminine gender, all aged between 20 to 70 years old. Regarding the results of my research, we can underline, for example, that loneliness is a better predictor of the subjective well-being (life-satisfaction averages, positive affectivity and negative affectivity) than the sociodemographic variables. This statement has certain implications and it is corroborated by other research projects. Those investigations have been unveiled that the sociodemographic factors only explain a small part of the variance in subjective well-being (Simões et al., 2000). Another conclusion that should be mentioned is the negative correlation between loneliness and life-satisfaction. Through the performance of this study, we realize that the loneliness is a dimension that cross a wide range of implications on homeless life. For example, on satisfaction with life level. Where, it is crucial find to answer to this situation. The “*Housing First*” seems to be a solution in this scene. Since, it assign a active character on individual and community level, allowing to social integration of homeless people (Ferreira, et al., 2015).

Keywords: homelessness, loneliness, subjective well-being, positive affect, negative affect

Agradecimentos

Este estudo reflete sobretudo a capacidade de voltar a acreditar em mim e é desta forma que agradeço de forma especial, ao Doutor Joaquim Armando pelo apoio, dedicação e positivismo que depositou neste projeto e consequentemente em mim. A si, o meu muito obrigada.

Aos meus pais, Cristina e Miguel, por terem sempre acreditado em mim. Sem dúvida que são duas peças fundamentais no meu caminho, são os meus pilares.

Ao meu namorado David, pela paciência, amor, amizade com que sempre me tratou, por me incentivar sempre a olhar em frente, a pensar positivo e a esquecer todos os meus medos.

Ao meu irmão Zé, que sempre que precisei me lembrou que tenho tudo o que preciso para ser feliz e vencer na vida.

À minha prima Cláudia, que mesmo longe se manteve sempre à distância de uma mensagem e me ajudou a acreditar em mim e nas minhas capacidades.

A todos os meus amigos que sempre me apoiaram, em especial à Joana que foi quem mais me ajudou e me deu força nesta etapa tão importante e longa.

A todos, o meu muito obrigada!

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento conceptual.....	1
1.1. A situação de sem-abrigo: definição	1
1.2. Solidão em situação de sem-abrigo.....	3
1.3. Bem-estar subjetivo em situação de sem-abrigo.....	7
II – Metodologia.....	9
2.1. Objetivos de investigação.....	9
2.2. Hipóteses de investigação.....	9
2.3. Participantes.....	10
2.4. Instrumentos.....	11
2.4.1. Questionário Sociodemográfico	11
2.4.2. Escala de Solidão (UCLA).....	12
2.4.3. Escala de Avaliação de Afetividade Positiva e de Afetividade Negativa(PANAS).....	12
2.4.4. Escala de Satisfação com a Vida (SWLS).....	13
III – Resultados.....	14
IV – Discussão dos resultados.....	19
V – Conclusões.....	23
VI- Referências Bibliográficas.....	25

Introdução

A pobreza é dos fenómenos mais inquietantes e alarmantes nos quatro cantos do Mundo. Por este motivo, ao olhar atentamente a sociedade em que vivemos é possível constatar a atenção que ao longo das décadas tem vindo a ser dada às populações que de algum modo estão em risco de exclusão social. Neste sentido, é possível verificar que diversos investigadores das mais variadas áreas têm procurado criar e fundamentar estudos científicos que auxiliem no combate à desigualdade de oportunidades a que os grupos que vivem em posição de fragilidade social estão sujeitos.

Através da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 é do conhecimento universal que todo o ser humano possui o direito a um nível de vida condigno, e neste documento, está presente, entre outros, o direito à habitação. Assim sendo, reconhecendo a complexidade e multidimensionalidade do fenómeno sem-abrigo é importante focar a atenção nos estudos científicos que exploram estas duas questões. Porém, existe alguma dificuldade em encontrar uma definição de sem-abrigo que contenha os diversos factores, dimensões e mecanismos transversais às situações que cada indivíduo em particular vive.

“A FEANTSA (Federação Europeia de Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-abrigo) define sem-abrigo num contexto de *continuum* de habitação, abordagem defendida por investigadores” (Daly, 1996, cit. por Meert, Edgar, & Doherty, 2004; Meert, Edgar, & Doherty, 2004; Toro & Warren, 1999). Por sua vez, as situações habitacionais desta população podem diversificar-se entre a situação de sem-abrigo literal ou a habitação instável (Toro & Janisse, 2004).

Nos próximos capítulos, faremos uma revisão da literatura disponível, e de acordo com o objetivo deste estudo, vamos abordar e analisar a solidão e o bem-estar subjetivo em pessoas que vivem em situação de sem-abrigo.

I – Enquadramento conceptual

1.1 A situação de sem-abrigo: definição

Ao longo da história, apelidados de diversas designações e conceções, as pessoas em situação de sem-abrigo foram vítimas de estigma social sendo nomeados em diferentes culturas e épocas de forma pejorativa. Mendigos, vadios,

vagabundos, indigentes, foram algumas das designações que lhes foram sendo associadas (Cruz, Neves, Quintas, Quintas, & Bastos, 2006).

A terminologia sem-abrigo está mais ligada, por diversas vezes, ao ambiente político de cada nação do que propriamente à realidade de cada população. Ao definir-se esta problemática devemos ter em conta os fatores associados a esta questão, tais como, o desemprego, a guerra, a falta de habilitações de baixo custo, a discriminação racial, a incapacidade mental e física. Esta situação pode surgir ainda da relação entre os fatores acima mencionados, como também da existência de outras causas. (Tipple & Speak, 2005).

A FEANTSA (Federação Europeia de Organizações Nacionais que Trabalham com os Sem-abrigo) propõe uma compreensão abrangente que mencione a falta de telhado, a falta de moradia e também a possibilidade de existir uma habitação insegura e inadequada. Para a construção de um quadro comum que visa discutir a problemática das pessoas sem-abrigo, a FEANTSA desenvolveu a ETHOS (Tipologia Europeia de Sem-abrigo e Exclusão Habitacional). Neste sentido, é possível verificar a existência de quatro situações de vida reveladoras de falta de moradia ou de exclusão de habitação: os sem-tecto (*rooflessness*) - composto por pessoas que vivem na rua ou em alojamentos de emergência; os sem casa (*houselessness*) - que corresponde a pessoas em lar de alojamento em fase de inserção, a alojamentos provisórios para mulheres, imigrantes, para cidadãos que saíram de instituições, ou seja, diz respeito a pessoas que independentemente de terem acesso a abrigos de emergência e a instituições de longa duração, continuam a ser apelidados de sem-abrigo graças à ausência de suporte para auxiliar a reintegração social; a habitação precária (*insecure housing*) - refere-se às pessoas que estão de modo provisório alojadas por familiares ou amigos, que vivem numa habitação na qual não pagam renda, que ocupam de forma ilegal um terreno, pessoas que estão à beira de despejo em casas alugadas e indivíduos cuja segurança está ameaçada pela violência ou por ameaças de violência; e a habitação inadequada (*inadequate housing*)- inclui os que vivem em alojamentos sobrelotados, e os que são inadequados para habitação (FEANTSA, 2005).

Em Portugal, a Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas Sem-abrigo- ENIPSA (2009) nasceu através da insistência da União Europeia em definir e implementar políticas que protegessem esta classe, e também, na importância de quebrar ciclos ineficazes de intervenções assistencialistas (Baptista, 2009). Foi com a implementação da ENIPSA que se estipulou em Portugal a definição oficial da situação de sem-abrigo. A ausência de uma habitação condigna é um dos pontos

fulcrais para a avaliação e intervenção, colocando em primeiro ponto o acesso à habitação para a luta contra o número de pessoas que enfrenta a situação de sem-abrigo (ENIPSA, 2009).

É importante compreender a complexidade e heterogeneidade do fenómeno de sem-abrigo, e como Nogueira e Ferreira (2007, p. 199) referem: *“a situação de sem-abrigo representa o final de um processo que se associa à pobreza mas que é distinto deste dado o número e dimensão das clivagens com os vários sistemas. O deficiente acesso aos sistemas e a existência de fissuras cada vez mais evidentes resultam de vários factores produtores de risco de exclusão social. Por sua vez, estes factores, individualmente ou por influência conjunta, provocam o aumento desta fratura (entre a pessoa sem-abrigo e os sistemas), num processo de bola de neve de dimensões cada vez mais complexas.”*

1.2 Solidão e situação de sem-abrigo

A solidão é uma situação complexa que está associada a diversos fatores que por sua vez estão relacionados entre si. Contudo, ainda não está presente uma definição consensual, uma vez que o sentimento de solidão é muito subjetivo (Peplau & Perlman, 1982). Mas em 1973, Weiss criou uma definição que enfatiza a necessidade de interção social do homem: "A solidão é causada não por estar sozinha, mas sem um relacionamento ou conjunto de relacionamentos definitivamente definidos... A solidão parece ser sempre uma resposta à ausência de algum tipo particular de relacionamento ou, com mais precisão, uma resposta à ausência de algum relacionamento particular" (Weiss, 1973, p. 17).

Para algumas pessoas a solidão pode estar ligada a estados recentes, tais como a saúde física ou mental, ou a eventos como a viuvez, a exclusão associada à situação de sem abrigo, ou à mudança de casa. É possível afirmar ainda que para outras pessoas as causas da solidão podem suceder de experiências do passado que as acompanharam para a vida adulta (Willcock, 2004). De acordo com os objetivos deste estudo vamos abordar e analisar a solidão em pessoas que vivem em situação de sem-abrigo.

Existem quatro fatores associados à solidão em população sem-abrigo:

- 1- *Relações sociais deficitárias* - Quebra nos laços familiares e perda de atividade significativa devido a situação de sem-abrigo.

Os contactos sociais das pessoas sem-abrigo limitam-se sobretudo ao grupo

de indivíduos que vivem na mesma situação. Neste estudo, os sem-abrigo revelam que preferem interagir com pessoas que compartilham as mesmas experiências que eles porque se sentem compreendidos e mais apoiados. Determinados sujeitos associam o seu isolamento e sentimento de solidão à situação em que vivem, ao facto de não terem um teto. Importa referir que a solidão também está associada à rutura nas relações familiares mesmo antes de dar início à situação de sem-abrigo (Willcock, 2004).

Willcock (2004), nos seus estudos indica que grande parte das pessoas que vivem em situação de sem-abrigo chamam a atenção para o facto de nunca terem tido uma família próxima. E, em consonância com outras pesquisas (Bento & Barreto, 2002; Edgar, et al., 2003; Kim, Ford, Howard, & Bradford, 2010; Sousa & Almeida, 2001) observa-se que a maioria dos participantes são solteiros. Alguns nunca se casaram, outros separaram-se e tinham filhos, mas esta separação acabou por levar a um distanciamento dos próprios filhos. Em determinadas situações a separação precedeu-se à mudança de vida e à perda de um lar. Noutros casos, o contato com a família extinguiu-se aquando da entrada em situação de sem-abrigo. Algumas pessoas demonstram vontade em restabelecer contato com a família, mas grande parte sente vergonha da situação em que vive e não o faz. Em alguns casos, a dependência do álcool e de drogas também impede que tentem uma reaproximação da família. Ainda assim, alguns sujeitos restabeleceram algum grau de contato com a família depois de terem recuperado o controlo sobre o consumo de álcool, e os relatos sobre a solidão acabaram por diminuir neste grupo de pessoas (Willcock, 2004).

2- *Eventos de vida*- Experiências de abuso, negligência e perda infantis.

Trauma na idade adulta e consequências dessas experiências em relação à saúde mental, relações íntimas e sociais.

A origem da solidão pode ser atribuída a experiências que ocorreram ao longo da vida. Para muitas pessoas, a solidão estava enraizada em eventos anteriores da vida que precederam a situação de sem-abrigo, incluindo experiências de perda e de trauma e às consequências que essas situações tiveram a nível mental (depressão e ansiedade) e social (relacionamentos tardios) (Willcock, 2004).

Parkes (1996) afirma que a perda e o trauma podem despoletar problemas psicológicos nas pessoas, incluindo a depressão, problemas de ansiedade, o transtorno de *stress* pós-traumático (Reisck, 2001) e o suicídio (Stroebe & Stroebe, 1993). Sendo que, para algumas pessoas as situações de vida problemáticas podem contribuir para a situação de sem-abrigo. O uso e consumo de substâncias, ou de

outros vícios (jogo), agravaram a dificuldade em lidar com eventos de vida traumáticos (Willcock, 2004).

Parkes (1996) revela que pode existir um determinante ou várias circunstâncias que podem contribuir para o resultado da perda. A acumulação de vários fatores pode aumentar a probabilidade de uma resposta patológica a um evento de vida traumático. As experiências de abuso sexual e físico na infância estão associadas a problemas de saúde mental na idade adulta. Várias pesquisas demonstram que experiências de abuso por parte de um parente ou abuso numa instituição estão associados a depressão, a baixa auto-estima, a sentimento de culpa, a dificuldades a nível sexual, ao uso abusivo de álcool e outras substâncias e à ansiedade social. Estas experiências de abuso estão associadas a uma incapacidade ou perturbação no desenvolvimento de relações interpessoais na idade adulta (Gilbert, 1992; Jehu, 1989; Alter-Reid et al., 1986; Ammerman et al., 1986; Rohner, 1986). Neste sentido, a solidão em algumas pessoas pode estar associada a experiências precoces de abuso, nos quais o indivíduo se afasta de relacionamentos íntimos. Um dos maiores motivos pelo qual os sem-abrigo revelam experienciar sentimentos de solidão são particularmente a perda do cônjuge ou de um filho (Willcock, 2004). Por sua vez, Parkes (1996) afirma que os dois tipos de perda acima mencionados são mais propensos a resultar em problemas psicológicos do que outras perdas.

A falta de apoio social no momento, como por exemplo, aquando do corte da relação familiar são das principais razões para se tornarem sem-abrigo (Willcock, 2004).

De um modo geral, relativamente a pesquisas sobre o *stress*, nomeadamente no que diz respeito ao *stress* pós-traumático (assalto, violação, violência doméstica e abuso) existe uma relação entre a adequação percebida do suporte social e os resultados do trauma (Reisck, 2001).

3- *Fatores de Saúde*: Problemas físicos, problemas a nível da saúde mental e problemas com o álcool.

A solidão está ligada a uma má saúde mental e física, à perda de mobilidade e ainda ao uso indevido do álcool. Os problemas de saúde físicos e a perda de mobilidade para os idosos sem-abrigo estão associados ao aumento do isolamento uma vez que a mobilidade reduzida, a pouca saúde física os impede de aceder aos centros de dia e lazer e conseqüentemente comunicar com o seu grupo. Assim sendo, determinadas doenças físicas, como a incontinência contribuíram para o afastamento dos sujeitos dos centros de dia. É certo que o isolamento social e a

solidão podem contribuir para uma má saúde mental na vida adulta e por sua vez, os problemas de saúde mental também podem contribuir ou manter o isolamento e os sentimentos de solidão. Pensamentos delirantes e ideias paranóicas impediram que alguns sem-abrigo, principalmente mulheres, acessem aos serviços disponíveis e construíssem relações sociais de confiança com outras pessoas. Esta reacção pode ser justificada pela presença de eventos traumáticos em suas vidas (Willcock, 2004).

Os seres humanos quando estão deprimidos tendem a ser solitários. Mas em determinados casos, o sentimento de solidão e humor baixo pode estar tão intimamente conectado, que eles mesmos não entendam a solidão como um problema. Um exemplo que corrobora esta afirmação é que as pessoas que procuram ajuda em terapeutas raramente relatam sentir-se sós, ao contrário disso, apresentam os sintomas da solidão (Murphy & Kupshik, 1992).

4- *Fatores Psicológicos:* Dificuldades a nível comportamental (aptidões sociais) e do pensamento (pensamentos ansiógenos e baixa auto-estima).

A solidão pode ser mantida através do comportamento, por exemplo, pelas competências sociais e interpessoais do ser humano, ou ainda pelos pensamentos e crenças, tais como, expectativas negativas, baixa autoestima e pensamentos desencadeadores de ansiedade. De acordo com a população entrevistada estes fatores contribuíram para a solidão e atribuíram, pelo menos em parte, o sentimento de solidão à perda de competências sociais, diminuição das capacidades de comunicação e às dificuldades interpessoais (Willcock, 2004).

Por sua vez, no que concerne às aptidões sociais, os défices podem também ser associados à depressão, à ansiedade, onde par a par com estes ocorre um episódio depressivo. Os indivíduos relataram dificuldade em interagir com outras pessoas e alguns problemas de empatia, ou seja, dificuldade em criar relações. Determinados sem-abrigo revelam que as suas aptidões sociais estão esquecidas fruto das experiências de isolamento e solidão com que têm lidado (Willcock, 2004).

Os pensamentos provocadores da ansiedade podem desencadear sentimentos de solidão ou impedir que as pessoas enfrentem adequadamente as situações sociais que poderiam servir para aliviar a solidão (Murphy & Kupshik, 1992).

Por sua vez, a resposta mais natural à ansiedade é o evitamento de situações evocadoras de ansiedade, como a interação social. A fuga a determinadas situações acaba por reduzir ainda mais a confiança (Butler, 1985). Assim sendo, um ciclo de ansiedade, baixa autoestima e solidão estão prontos a desenvolver-se (Willcock,

2004).

1.2 Bem-estar subjetivo e situação de sem-abrigo

O conceito de bem-estar subjetivo (BES) é um conceito multidimensional que está ligado à noção de qualidade de vida. Este construto inclui uma componente cognitiva e uma componente afetiva. No que concerne à componente cognitiva, esta caracteriza-se por um juízo em relação à satisfação global com a própria vida, e a componente afetiva diz respeito às reações emocionais, positivas, ou negativas sobre esse mesmo juízo. “*O bem-estar subjetivo é uma reacção avaliativa das pessoas, à sua própria vida- quer em termos de satisfação com a mesma (avaliação cognitiva), quer em termos de afectividade (reacções estáveis)*” (Diener & Diener, 1995, p. 653)

Existem poucos estudos sobre qualidade de vida geral das pessoas sem-abrigo, a maior parte da literatura disponível foca-se sobretudo nos aspetos clínicos do sem-abrigo ou nos efeitos da falta de moradia em crianças (Aptekar, 1994).

A investigação científica sugere que há diversos problemas associados à vida sem lar e vários estudos demonstram que ser sem-abrigo está relacionado com comportamentos problemáticos em criança (Edleman & Mihaly, 1989; DiBiase & Waddell, 1995), com o desenvolvimento de relações familiares hostis (Vostanis et al., 1996; Nyamathi et al., 1999), com maior exposição ao trauma (Hien & Bukszpan, 1999, Buhrich et al., 2000), ao aumento de raiva e depressão (Marshall et al., 1996) e por fim, ao impacto psicológico negativo do estigma social (Lankenau, 1999). Por sua vez, Shlay (1994), afirma que os sem-abrigo obtiveram um maior bem-estar emocional e menos problemas comportamentais associados aos seus filhos depois de haver mudanças no estado económico e social da sua família.

Alguns estudos focaram-se em analisar a relação entre o rendimento e o bem-estar subjetivo e ficou provado que o rendimento está moderadamente correlacionado com a satisfação com a vida, especialmente nos níveis socioeconómicos mais baixos e nos países mais pobres (Diener et al., 1999; Diener & Lucas, 2000; Diener & Biswas-Diener, 2002). Por conseguinte, o rendimento mais elevado mostrou estar relacionado com o aumento da longevidade (Wilkenson, 1996), melhor saúde (Salovy et al., 2000) e maior satisfação com a vida (Diener et al., 1985; Diener & Oishi, 2000). Assim sendo, parece que é de consenso geral entre os investigadores que existe uma relação na qual o rendimento

tem maior impacto na saúde a nível psicológico nos níveis económicos mais baixos (Inglehart & Klingemann, 2000). Existem duas teorias utilizadas para explicar esta conclusão: as necessidades básicas e a adaptação. No que concerne às necessidades básicas, elas são: alimentos, água e abrigo. Estas necessidades devem ser satisfeitas antes que uma pessoa possa atingir o desenvolvimento psicológico de ordem superior (Maslow, 1954). Tendo em conta este raciocínio, os sem-abrigo, que lidam com diversas adversidades, tais como, o impedimento de satisfazer as necessidades básicas, devem apresentar níveis mais baixos de bem-estar subjetivo. E à medida que esta população fosse tendo mais acesso a alimentação e abrigo, deveria haver um aumento correspondente na saúde psicológica. Por sua vez, a teoria da adaptação também é útil na compreensão da relação entre o rendimento e o bem-estar subjetivo. A pesquisa feita sobre a adaptação reflecte que a diminuição da capacidade de resposta aos estímulos repetidos possibilita que os seres humanos se ajustem às circunstâncias da vida, mesmo às mais adversas (Silver, 1982; Loewenstein & Frederick, 1999).

Analisando outras pesquisas com pessoas sem-abrigo (Biswas-Diener & Diener, 2001) é possível afirmar que os fatores sociais têm mais importância do que aquela que Maslow (1954) lhes atribuiu. As redes sociais desempenham um papel fulcral no bem-estar subjetivo, o que vai ao encontro de pesquisas mais recentes de Diener e Seligman (2002) sugerindo que boas relações sociais são precisas para valores elevados de bem-estar subjetivo.

Existem algumas características comuns a todos os sem-abrigo em distintos contextos. Este grupo sente insatisfação com a sua qualidade de vida, especialmente a nível da habitação, do rendimento e da saúde. Consigo mesmo, este grupo revela valores altamente positivos ao nível da aparência física, da moralidade e ainda da inteligência. Contudo, o gosto por si não parece ser suficiente para colmatar os danos psicológicos que a privação material causa. Por sua vez, as relações sociais mostraram ter um papel relevante para evitar os custos psicológicos da privação material (Diener & Seligman, 2002).

Independentemente das dificuldades que enfrentam ao viver nas ruas, os sem-abrigo jovens demonstram ser mais resistentes do que os sujeitos mais velhos (Usborne et al., 2009). Karabanow (2006), sugeriu que os sem-abrigo mais jovens detinham opiniões mais otimistas sobre o futuro. De acordo com a sua investigação o autor pôde concluir que aqueles que internalizaram objetivos, e que constroem uma visão positiva da situação que vivenciam, mais do que se considerarem unicamente “pessoas sem teto”, são mais propensas a sair da situação de sem-

abrigo.

Neste sentido, é possível afirmar que o otimismo demonstra ser um aspecto relevante para lidar com os eventos negativos que ocorrem ao longo da adolescência e da idade adulta (Sawyer, Pfeiffer, & Spence, 2009). Ao mesmo tempo verificou-se uma expectativa positiva do presente para prever níveis altos de resiliência e para moderar os efeitos das experiências traumáticas (Tusaie, Puskar, & Sereika, 2007).

II - Metodologia

2.1. Objetivos de investigação

Os objetivos do presente estudo são os seguintes:

1. Caracterizar os participantes em situação de sem-abrigo nas dimensões de solidão e do bem-estar subjetivo (afetividade positiva e negativa), bem como ao nível de variáveis sociodemográficas;
2. Analisar a relação entre a solidão e a satisfação com a vida em relação aos fatores sociodemográficos (sexo, grupo etário e tempo de permanência em situação de sem-abrigo);
3. Investigar o contributo da solidão no bem-estar subjetivo de pessoas em situação de sem-abrigo;

2.2. Hipóteses de Investigação

H1- Existem diferenças significativas ao nível da solidão e do bem-estar subjetivo em função do sexo, grupo etário e tempo de permanência em situação de sem-abrigo;

H2- Existem relações negativas e significativas entre a solidão e a satisfação com a vida e a afetividade positiva;

H3- Existem relações positivas e significativas entre solidão e a afetividade negativa;

H4- A solidão é melhor preditor da satisfação com a vida do que as variáveis sociodemográficas.

H5- A solidão é um melhor preditor da afetividade positiva do que as variáveis sociodemográficas;

H6- A solidão é um melhor preditor da afetividade negativa do que as variáveis sociodemográficas.

2.3. Participantes

A amostra do presente estudo é constituída por 172 participantes, sendo que 84.2% correspondem ao sexo masculino e 15.8% ao sexo feminino, com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos (Ferreira, et al., 2015)

Relativamente ao estado civil, mais de metade da amostra, ou seja, 54.4% é solteiro/a; 32.7% está divorciado/a; 6.4% separado/a; 2.9% casado/a; 1.8% vive em união de facto e 1.8% é viúvo/a.

No que diz respeito ao nível de habilitações escolares grande parte dos participantes relata ter frequentado ou concluído o 3º Ciclo do Ensino Básico. Os níveis de habilitações estão divididos entre o 7º e 9º ano de escolaridade (31.6%), 1º e 4º anos (28.1%), 5º e 6º anos (17%) e o 10º e 12º anos (10.5%). Importa referir ainda que 3.5% da amostra afirma ter frequentado o Ensino Superior. Por sua vez, 2.3% relata não saber ler nem escrever.

Alusivamente ao abandono escolar e reprovações é evidente pelas elevadas percentagens apresentadas (68.2%) que grande parte dos participantes refere ter abandonado os estudos durante a infância e a adolescência. Este absentismo escolar decorreu maioritariamente entre os 11 e 15 anos de idade. Por sua vez, 35.2% abandonou mais tarde os estudos, entre os 16 e os 20 anos de idade. Apenas uma pequena percentagem (5%) revela ter abandonado os estudos com mais de 21 anos e 10.9% relata ainda ter menos de 10 anos de idade quando deixou a escola. Analogamente às reprovações, 65.9% dos participantes revela ter sido retido em algum momento do seu percurso escolar apresentando uma reprovação pelo menos (45.5%). Quando questionados sobre os motivos que os levaram a abandonar os estudos, 47.1% da amostra relata ter sido para trabalhar. Os rendimentos insuficientes da família também constituíram um dos motivos pelos quais os participantes da amostra revelam ter abandonado os estudos (26.6%). Por sua vez, outros sujeitos, referem ter deixado de estudar por ter havido a necessidade de cuidar da família (9.8%). Porém, motivos tais como a falta de motivação para prosseguir com os estudos (15%) e o facto de nunca terem sido bons alunos também foram apontados pelos participantes no estudo (Ferreira, et al., 2015).

Respetivamente à situação de sem-abrigo com a qual os participantes lidam, a grande parte encontra-se em situação de sem-teto, particularmente em regime de acolhimento temporário em Centros (33.5%) e em albergues (15.9%). Outra percentagem (31.2%) relata estar a viver em quartos (apartamentos, ou maioritariamente, em pensões/residenciais), e o seu arrendamento é dependente dos

subsídios do Estado, neste caso, o Rendimento Social de Inserção. Existe ainda alguma população (9.4%) a residir em casa de amigos ou de familiares por não possuir outra possibilidade. Todavia existe uma pequena percentagem de participantes (8.8%) que se encontra em situação de sem-teto acabando por dormir na rua ou em prédios abandonados. Os participantes relatam viver na mesma situação há cerca de dois anos e meio, ou seja, 29.27 meses. Em relação à permanência temporal das situações de sem-abrigo 60.3% estão há doze meses em situação de sem-abrigo, 14.4% está nesta situação há cerca de treze a vinte e quatro meses e 25.3% há mais de vinte e quatro meses. 53.7% dos participantes do presente estudo é a primeira vez que se encontra na situação de sem-abrigo (Ferreira, et al., 2015).

2.4. Instrumentos

Após ter sido efectuada a investigação bibliográfica concluiu-se que já existiam bons instrumentos validados para a população portuguesa com características psicométricas satisfatórias. Neste sentido, os instrumentos adotados foram: Questionário Sociodemográfico, a Escala de Solidão (UCLA; Russell, 1989), a Escala de Avaliação de Afetividade Positiva e Negativa (PANAS; Watson, Clark, & Tellegen, 1988), e por fim, a Escala de Satisfação com a Vida (SWLS; Diener et al., 1985).

2.4.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico foi realizado com questões acessíveis e claras com o intuito de evitar que os participantes sintam dificuldade em responder ao mesmo.

Este instrumento foi desenvolvido com o objetivo de solicitar informação pessoal relevante para o estudo, tais como, o sexo, a idade e as habilitações literárias. Importa sublinhar que informações específicas relativas à situação de sem-abrigo, como por exemplo, o tempo de permanência em situação de sem-abrigo, em que os participantes estão, foram também exploradas para uma melhor compreensão dos efeitos da solidão e do bem-estar subjetivo neste grupo.

2.4.2. Escala de Solidão (UCLA)

Segundo Neto (2000), devido ao facto de a experiência de solidão ser uma questão dolorosa, prevalece uma necessidade acrescida em estudar esta problemática. Um pré-requisito para se poder investigar sobre aspetos psicossociais da solidão é o de dispor de um instrumento de avaliação adequado.

Neste sentido, foi criada a “Escala de Solidão da UCLA”, que possui como nome original “UCLA Loneliness Scale” tendo sido desenvolvida pelos autores Russel, Peplau e Cutrona, (1980, cit. in Neto, 1992). Esta escala foi utilizada para a população portuguesa, validada por Neto (1989). É uma escala desenvolvida para avaliar os sentimentos subjetivos de solidão ou isolamento social. A escala manifesta boas qualidades psicométricas (Neto, 1989; 1992) e é considerada como tendo uma fidedignidade elevada como instrumento de diagnóstico da solidão (Pocinho et al., 2010). É um questionário que avalia a solidão e os sentimentos associados à mesma em 20 itens. As respostas a cada um fazem-se através de uma escala de tipo *Likert* com 4 pontos, desde nunca (1); raramente (2); algumas vezes (3) até frequentemente (4). A pontuação mínima possível é de 20. O ponto de corte é o valor 39, sendo que valores abaixo não revelam solidão e valores superiores a 39, revelam a presença de solidão. Importa destacar, que algumas das questões, nomeadamente a questão 1, 4, 5, 8, 9, 13, 14, 17 e 18, são cotadas de forma inversa para efeitos do seu tratamento estatístico.

Apesar da escala de Solidão da UCLA ser um instrumento adequado, também levanta diversos potenciais problemas. O primeiro problema que lhe é apontada é o risco de enviesamento nas respostas, uma vez que os itens foram redigidos na mesma direção. O segundo possível problema é a desejabilidade social, no sentido em que se determinado estigma está ligado à solidão os sujeitos podem distorcer as respostas subvalorizando a sua própria experiência de solidão (Neto, 1992).

2.4.3. Escala de Avaliação de Afetividade Positiva e de Afetividade Negativa (PANAS)

Criada por Watson, Clark e Tellegen (1988), a Escala de Afetividade Positiva e Negativa (PANAS) de nome original, Positive and Negative Affect Schedule, foi criada e destinada a avaliar a componente afetiva do bem-estar. Neste sentido, uma vez que o afeto é uma dimensão que “faz parte do quotidiano de todas as pessoas, que desenvolvem esforços, de o promover positivamente, garantindo o

bem-estar” (Galinha & Ribeiro, 2005^a, p. 209) é relevante e adequado recorrer a esta escala que se constitui como uma das escalas mais utilizadas e válidas para diversos países (Galinha & Ribeiro, 2005a).

Assim sendo, este instrumento é composto por duas escalas de dez itens, uma para a afetividade positiva (PA) composta pelos itens 1, 3, 5, 9, 10, 12, 14, 16, 17 e 19, e outra para a afetividade negativa (PN) que é constituída pelos restantes itens.

Neste sentido, é pedido às pessoas que reflitam sobre a semana anterior à realização da prova e indiquem até que ponto experienciaram as emoções implícitas em cada item. Composta por uma escala do tipo *Likert*, os participantes devem assinalar o quadrado que reflete o que sentiram (1) “Muito pouco ou nada”, (2) “Um pouco”, (3) “Assim, assim”, (4) “Muito” ou (5) “Muitíssimo”. De acordo com a pontuação presente nesta escala importa referir que na subescala de Afetividade Positiva (PA), a maior pontuação diz respeito a um maior afeto positivo, revelando o quanto o participante se sente ativo e entusiasmado. Por sua vez, na subescala de Afetividade Negativa (NA), a pontuação mais elevada indica a presença de um desconforto geral.

Esta escala foi validada e adaptada para a população portuguesa por Simões (1993). Em termos de consistência interna, expõe valores de *Alpha de Cronbach* entre os 0.84 e 0.87 para a segunda subescala (Galinha & Ribeiro, 2005b).

2.4.4. Escala de Satisfação com a Vida- SWLS

A Escala de Satisfação com a vida (SWLS) foi criado com o objetivo de medir o juízo subjetivo que cada pessoa faz sobre a sua vida. Os autores da escala são Diener, Emmons, Larsen e Griffin (1985). Devida à abrangência dos itens é possível que o sujeito pondere os diferentes domínios da sua vida, tendo em conta ainda o seu estado de espírito, possibilitando a análise de um juízo global que pode ser positivo ou negativo (Seco et al., 2005).

Os estudos desenvolvidos à volta deste instrumento levaram a uma versão de 5 itens, todos eles no sentido positivo, recorrendo, na sua versão original, a uma escala de tipo *Likert* de 7 pontos. Sendo esta medida constituída apenas por 5 itens, numa primeira análise psicométrica deixou os autores satisfeitos, tendo em conta que após a aplicação do questionário a uma amostra de 176 estudantes universitários, a escala apresentou excelentes índices de consistência interna (através de Alfa de Cronbach), de 0.87, e bons índices de estabilidade temporal

(Santos, 2008; Seco et al., 2005).

Alguns anos após a sua publicação, este questionário, assim como todos os estudos que ele despoletou, foram alvo de uma revisão por parte de Pavot e Diener (1993) tendo revelado que a satisfação com a vida constitui um constructo psicológico de grande significado e relevância, tendo mesmo sido avaliado em amostras provenientes de diferentes contextos socioculturais e linguísticos, revelando de uma forma global, bons índices de fidelidade e de validade (Arrindell et al., 1999, cit. In Seco et al., 2005).

Na validação desta escala para a população portuguesa, constituíram-se duas fases distintas: a primeira feita através de um estudo levado a cabo por Neto, Barros e Barros (1990) e a segunda pela repetição da validação da escala por Simões (1992). Na validação da escala feita por Simões (1992) foram feitas algumas alterações melhorando a compreensão dos itens que constituem a referida escala, nomeadamente para populações de nível inferior á população que havia constituído a amostra de Neto (1990), visto que eram professores, reduzindo ainda para 5 o número de alternativas de resposta: (1) “Discordo muito”, (2) “Discordo um pouco”, (3) “Não Concordo nem Discordo”, (4) “Concordo um pouco”, (5) “Concordo Muito” (ver anexo A). Assim sendo, simplificou-se o preenchimento da escala, alterando a pontuação obtida pelo sujeito, sendo possível a mesma variar entre um mínimo de 5 pontos e um máximo de 25, valor que traduz uma elevada satisfação com a vida. No entanto, e apesar da redução de 7 para 5 alternativas de resposta, obteve-se, através do estudo efetuado por Simões (1992) valores praticamente idênticos aos de Neto e seus colaboradores (1990), no que respeita à fidelidade (Alfa de Cronbach de .77).

III - Resultados

A tabela 1 revela que as variáveis satisfação com a vida ($t = -2.623$; $p = .010$) e afetividade positiva ($t = -2.210$; $p = .029$) apresentam diferenças estatisticamente significativas tendo em conta o sexo. Neste caso, as mulheres, apresentam em ambas as variáveis valores superiores ($M = 14.36$; $M = 38.75$) aos homens ($H = 40.94$; $H = 34.61$). Por sua vez, a solidão ($t = -.309$; $p = .758$) e a afetividade negativa ($t = .071$; $p = .943$) não apresentam valores estatisticamente significativos em função do sexo.

Tabela 1. Médias, desvios-padrão e t de student relativo às várias escalas e subescalas utilizadas em função do sexo.

Variáveis	Masculino		Feminino		t	P
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
<i>Solidão</i>	40.94	8.43	41.54	10.63	-.309	.758
<i>Satisfação com a vida</i>	11.13	5.49	14.36	6.41	-2.623	.010
<i>Afetividade Positiva</i>	34.61	7.86	38.75	7.09	-2.210	.029
<i>Afetividade Negativa</i>	25.62	8.49	25.48	7.99	.071	.943

Analisando a tabela 2 verifica-se que a variável solidão ($F=3.920$; $p=.022$) é a única variável que apresenta diferenças estatisticamente significativas em função da variável independente grupo etário. Os testes post-hoc permitem verificar que são as pessoas com mais de 60 anos de idade ($M=45.58$; $DP= 7.86$) que experienciam mais solidão quando comparados com os outros grupos ($p < .05$).

Tabela 2. Médias, desvios-padrão e t de student relativo às diferentes idades

Variáveis	20-40 anos		40-60 anos		+ 60 anos		F	P
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
<i>Solidão</i>	42.55	7.61	39.51	9.22	45.58	7.86	3.920	.022
<i>Satisfação com a vida</i>	12.69	6.31	11.11	5.55	9.92	3.29	1.883	.156
<i>Afetividade Positiva</i>	35.69	7.45	35.10	8.16	33.70	7.48	.280	.756
<i>Afetividade Negativa</i>	27.62	8.01	24.81	8.60	22.64	6.95	2.550	.082

A tabela 3 não apresenta valores estatisticamente significativos. A variável que mais se aproxima do limiar de significância é a afetividade negativa ($F=2.489$; $p=.064$). Contudo, podemos concluir que as variáveis dependentes solidão, satisfação com a vida, afetividade positiva e negativa não revelam diferenças significativas em função do tempo de permanência em situação de sem-abrigo.

Tabela 3. Médias, desvios-padrão e t de student relativos ao tempo de permanência em situação de sem-abrigo

Variáveis	< 3 meses		4-6 meses		7-12 meses		+12 meses		F	p
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
<i>Solidão</i>	42.29	8.17	39.35	5.78	40.38	9.78	41.02	9.07	.580	.629
<i>Satisfação com a Vida</i>	10.89	4.81	13.19	6.11	11.18	5.68	11.14	6.04	.848	.470
<i>Afetividade Positiva</i>	35.30	7.13	35.53	7.12	33.64	8.43	36.66	8.05	.798	.497
<i>Afetividade Negativa</i>	29.09	9.48	24.88	7.75	23.26	9.23	25.55	7.28	2.489	.064

A tabela 4 apresenta a matriz de correlações para as variáveis em estudo. Através dos resultados obtidos, podemos verificar correlações tanto positivas como negativas. Analisando os coeficientes de correlação positivos mais elevados, observa-se uma correlação positiva entre a afetividade negativa com a solidão ($r=.42$; $p < .01$), uma correlação positiva entre a satisfação com a vida e a afetividade positiva ($r=.28$; $p < .01$), outra entre a variável satisfação com a vida e sexo ($r=.21$; $p < .01$) e, por fim, entre a variável afetividade positiva e a variável sexo ($r=.19$; $p < .05$).

Quanto às correlações negativas mais elevadas temos: a correlação negativa entre a solidão e a satisfação com a vida ($r= -.30$; $p < .01$) e com a afetividade negativa ($r= -.42$; $p < .01$). Observa-se ainda uma correlação negativa significativa da variável satisfação com a vida com a afetividade negativa ($r= -.23$; $p < .01$).

Tabela 4- Matriz de Correlações

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7
1-Solidão	1						
2-Satisfação com a vida	-.30*	1					
3-Afetividade Positiva	-.42**	.28**	1				
4-Afetividade Negativa	.42**	-.23**	-.10	1			
5-Sexo	.03	.21**	.19*	-.01	1		
6-Idade	-.03	-.14	-.07	-.22**	-.11	1	
7-Tempo de permanência em situação de sem-abrigo	.08	.02	-.03	-.04	-.10	-.02	1

*p<.05

**p<.01

Observando os dados obtidos na tabela 5, conclui-se que apenas o modelo 2 ($F=5.057$; $p=.000$) é estatisticamente significativo para a explicação da variância encontrada no indicador satisfação com a vida.

Tabela 5. Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Satisfação com a Vida

Modelo	R ²	R ² ajustado	F	P	Estatística de mudança		
					ΔR^2	ΔF	Δp
1	.020	-.004	.831	.479 ^a	.020	.831	.479
2	.144	.116	5.057	.001 ^b	.124	17.3999	.000

Variável Dependente: Satisfação com a vida

^aPreditores: Sexo, Idade, Tempo de Permanência^bPreditores: Solidão

Verificando a análise dos coeficientes de regressão da tabela 6, relativamente a todos os preditores, as variáveis com valor explicativo significativo são a solidão ($\beta=-.364$; $p=.000$) e o sexo ($\beta=.200$; $p=.024$). Neste sentido, é possível afirmar que as variáveis sociodemográficas idade e tempo de permanência em situação de sem-abrigo não revelam valores estatisticamente significativos, ao contrário da solidão e do sexo. Ou seja, a solidão e o sexo contribuem para a compreensão da variável dependente, satisfação com a vida.

Tabela 6. Coeficientes de regressão na variável dependente Satisfação com a Vida

Modelo 2	B	Beta	T	P
Sexo	3.313	.200	2.294	.024
Idade	-.055	-.103	-1.213	.228
Tempo/ permanência	.008	.067	.787	.433
Solidão	-.245	-.364	-4.171	.000

Observando os dados obtidos na tabela 7, conclui-se que apenas o modelo 2 ($F=6.730$; $p=.000$) é estatisticamente significativo para a explicação da variância encontrada no indicador afetividade positiva.

Tabela 7. Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Afetividade Positiva

Modelo	R^2	R^2 ajustado	F	P	Estatística de mudança		
					ΔR^2	ΔF	Δp
1	.016	-.010	.617	.605 ^a	.016	.617	.605
2	.194	.165	6.730	.000 ^b	.178	24.681	.000

Variável Dependente: Afetividade Positiva

^aPreditores: Sexo, Idade, Tempo de Permanência

^bPreditores: Solidão

Examinando os coeficientes de regressão da tabela 8, relativamente a todos os preditores, as variáveis com valor explicativo significativo são o sexo ($\beta=.180$; $p=.041$) e a solidão ($\beta=-.433$; $p=.000$) Neste sentido, é possível afirmar que as variáveis solidão e sexo contribuem para a compreensão da variável dependente, afetividade positiva.

Tabela 8. Coeficientes de regressão na variável dependente Afetividade Positiva

Modelo 2	B	Beta	T	P
Sexo	4.005	.180	2.062	.041
Idade	-.079	-.108	-1.264	.209
Tempo/ permanência	.002	.014	.160	.873
Solidão	-.387	-.433	-4.968	.000

Verificando os dados obtidos na tabela 9 é possível concluir que tanto o modelo 1 ($F=3.242$; $p=.025$) como o modelo 2 ($F= 8.927$; $p=.000$) são estatisticamente significativos para a explicação da variância encontrada no indicador afetividade negativa.

Tabela 9. Sumário da regressão hierárquica para a variável dependente Afetividade Negativa

Modelo	R ²	R ² ajustado	F	P	Estatística de mudança		
					ΔR^2	ΔF	Δp
1	.081	.056	3.242	.025 ^a	.056	3.242	.025
2	.245	.218	8.927	.000 ^b	.218	23.970	.000

Confirmando a análise dos coeficientes de regressão da tabela 10, relativamente a todos os preditores, as variáveis com valor explicativo significativo são a idade ($\beta=-.241$; $p=.005$) e a solidão ($\beta=.419$; $p=.000$). Ou seja, a idade e a solidão contribuem para a compreensão da variável dependente, afetividade negativa.

Tabela 10. Coeficientes de regressão na variável dependente Afetividade Negativa

Modelo 2	B	Beta	T	p
Sexo	-2.861	-.115	-1.345	.181
Idade	-.195	-.241	-2.869	.005
Tempo/ permanência	-.021	-.120	-1.424	.157
Solidão	.421	.419	4.896	.000

IV – Discussão dos Resultados

O objetivo principal que orientou e delimitou os princípios da nossa investigação foi sobretudo explorar a relação entre a solidão e o bem-estar subjetivo (afetividade positiva e afetividade negativa) em pessoas que vivem em situação de sem-abrigo.

Assim sendo, com o intuito de alcançar este grande objetivo, foram formuladas hipóteses de investigação, designadamente, averiguar se existem diferenças significativas ao nível do bem-estar subjetivo e da solidão em função do sexo, grupo etário e do tempo de permanência em situação de sem-abrigo.

Neste sentido, o estudo efetuado sobre a existência de diferenças significativas nas dimensões solidão, satisfação com a vida, afetividade positiva e afetividade negativa nos sem-abrigo em função do sexo (tabela 1), revelou que existem diferenças significativas ao nível da satisfação com a vida ($t= -2.623$;

$p=.010$) e da afetividade positiva ($t= -2.210$; $p=.029$) e foram as mulheres que obtiveram médias mais elevadas em ambas as dimensões. Com base nos estudos disponibilizados é difícil chegar a uma conclusão sobre se homens e mulheres diferem no que concerne ao bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000; Diener & Diener, 1995; Veenhoven, 1984). Mas, em consonância com os resultados da nossa investigação, Wood, et al. (1999) afirma que as mulheres obtêm resultados mais favoráveis na dimensão satisfação com a vida. Os autores explicam que esta situação se deve ao facto do sexo feminino, experienciar de modo mais forte e frequente emoções positivas e negativas.

Relativamente à possível existência de diferenças estatisticamente significativas relativamente ao grupo etário (tabela 2) foi possível constatar que apenas a variável solidão ($F=3.920$; $p=.022$) apresenta valores significativos. São os indivíduos com mais de 60 anos de idade que apresentam uma média mais elevada ($M=45.58$; $DP= 7.86$), e de acordo com Emídio, Firmino e Vaz Serra (1989, p. 53) nos estudos sobre a solidão para a população portuguesa referem que “a terceira idade foi o período etário mais vulnerável. Também é nela que se instituem maiores perdas: sejam as dificuldades de contato social devido a doenças físicas invalidantes; sejam as deprivações inerentes à falta de recursos económicos; sejam as perdas de amigos ou de familiares, que morrem ou vão viver noutros locais ou sejam motivos diferentes”. Por sua vez, Larson (1978) revela que a maioria dos estudos desenvolvidos encontravam correlações baixas entre a satisfação com a vida e a idade, e que mesmo estas tendem a desaparecer quando se controlavam variáveis tais como, o decréscimo dos recursos financeiros, a viuvez, a perda de amigos ou a solidão.

Analogamente ao tempo de permanência em situação de sem-abrigo (tabela 3) nenhuma variável apresentou valores estatisticamente significativos. Assim, tendo em conta os resultados descritos, podemos afirmar que a nossa primeira hipótese confirma-se parcialmente porque existem diferenças significativas ao nível da solidão e do bem-estar subjetivo em função do sexo e do grupo etário, embora na permanência em situação de sem-abrigo não existam valores estatisticamente significativos.

Após os estudos diferenciais, discutidos e analisados anteriormente, elaboramos a matriz de correlação de r de Pearson (tabela 4).

Neste sentido, examinando a tabela observa-se uma correlação positiva entre a afetividade negativa com a solidão ($r=.42$; $p <.01$), uma correlação positiva entre a satisfação com a vida e a afetividade positiva ($r=.28$; $p <.01$), outra entre a

variável satisfação com a vida e sexo ($r=.21$; $p <.01$) e, por fim, entre a variável afetividade positiva e a variável sexo ($r=.19$; $p <.05$).

Quanto às correlações negativas mais elevadas, temos: a solidão e a satisfação com a vida ($r= -.299$; $p=0.000$) e a solidão com a afetividade negativa ($r= -.42$; $p <.01$). Regista-se ainda uma correlação negativa significativa da variável satisfação com a vida com afetividade negativa ($r= -.23$; $p <.01$).

Examinando detalhadamente cada uma destas correlações, iniciando esta análise pela correlação positiva entre a afetividade negativa e solidão, aceitando a solidão como uma experiência desagradável, descrita por Fromm-Reichmann (1950) como dolorosa e horrível é acompanhada por um ou mais sintomas associados à afetividade negativa, tais como o neuroticismo. Neste sentido, seria de esperar existir uma correlação negativa entre a solidão e afetividade negativa.

Como já foi anteriormente referido, o conceito de bem estar-subjetivo, satisfação com a vida, afetividade positiva e negativa estão relacionadas entre si (Diener & Lucas, 1999). Assim sendo, observando a matriz de correlações há uma correlação positiva entre satisfação com a vida e afetividade positiva o que faz todo o sentido. Do mesmo modo que quando observamos as correlações negativas, constatamos também a existência de uma correlação negativa entre as variáveis satisfação com a vida e afetividade negativa.

Relativamente à correlação positiva entre as variáveis satisfação com a vida/sexo e afetividade positiva/sexo são provadas em algumas investigações que revelam existir diferenças significativas associadas a estas duas dimensões (por exemplo, Simões, 1992).

No que concerne à correlação negativa entre a variável solidão e satisfação com a vida é possível estabelecer uma ligação entre o que Plepau e Perlman (1982) definem como solidão “A solidão é vista mais como representando insatisfação com o número ou a qualidade dos contactos que uma pessoa tem do que com a ausência total de contacto social.” e o que Willcock (2004) aponta como fator de solidão nos sem-abrigo: a quebra nos laços familiares e as relações sociais deficitárias. Uma vez que a satisfação com a vida reúne domínios específicos tais como a saúde, trabalho, condições de moradia, relações sociais não poderíamos esperar outro tipo de resultados. De acordo com Stroebe et al. (1996) a relação entre a inexistência de redes sociais e a solidão influenciam o bem-estar subjetivo de diferentes formas. Contudo, os dados confirmam que a existência de uma rede social sólida diminui a solidão e que a correlação entre a solidão e bem-estar é negativa.

Posto isto, é possível considerar que, de acordo com outra das hipóteses que se pretendia testar, tanto existem relações negativas como positivas e significativas entre a solidão, a satisfação com a vida, a afetividade positiva e a afetividade negativa, confirmando-se a nossa segunda e terceira hipótese.

Observando a tabela 5, das regressões hierárquicas conclui-se que apenas o modelo 2, referente à solidão ($F=5.057$; $p=.000$), é estatisticamente significativo para a explicação da variância encontrada no indicador satisfação com a vida.

Através da análise dos coeficientes de regressão da tabela 6, que diz respeito a todos os preditores, as variáveis que apresentam valor explicativo significativo são a solidão ($\beta=-.364$; $p=.000$) e o sexo ($\beta=.200$; $p=.024$). Contudo, independentemente disso, como já foi referido, através da tabela 5, podemos verificar que apenas o modelo 2 é estatisticamente significativo o que nos permite afirmar que se confirma a hipótese 4. Ou seja, a solidão é melhor preditor do bem-estar subjetivo (satisfação com a vida, afetividade positiva e afetividade negativa) do que as variáveis sociodemográficas.

Neste sentido, esta informação vai ao encontro de várias investigações que têm revelado que os fatores sociodemográficos explicam apenas uma pequena parte da variância do bem-estar subjetivo (Simões et al., 2000), uma vez que para o nosso estudo, das variáveis sociodemográficas, apenas o sexo apresenta um valor explicativo significante.

Relativamente aos resultados da tabela 7, somente o modelo 2 referente à solidão ($F=6.730$; $p=.000$) é estatisticamente significativo para a explicação da variância encontrada no indicador afetividade positiva.

Assim sendo, quando analisamos os coeficientes de regressão da tabela 8, as variáveis que possuem valor explicativo significativo, para a compreensão da variável dependente, são o sexo ($\beta=.180$; $p=.041$) e a solidão ($\beta= -.433$; $p=.000$). Posto isto, podemos concluir que a solidão é um melhor preditor de afetividade positiva do que as variáveis sociodemográficas, ou seja, a hipótese 5 do nosso estudo confirma-se.

Finalmente, examinando a nossa última hipótese, que pressupõe que a solidão é um melhor preditor da afetividade negativa do que as variáveis sociodemográficas, verificamos que tanto o modelo 1 ($F=3.242$; $p=.025$) como o modelo 2 ($F= 8.927$; $p=.000$) apresentam valores estatisticamente significativos. Desta forma, através destes resultados, podemos afirmar que a hipótese 6 não se confirma, visto que, tanto a solidão como os fatores sociodemográficos são bons preditores de afetividade negativa.

Observando atentamente a tabela 10, verificaremos que somente o fator sociodemográfico, idade ($F= -2.869$; $p=.005$), apresenta significância. Contudo, independentemente desta informação, Diener e Suh (1997), apontam que a afetividade positiva diminui ligeiramente com a idade e que a afetividade negativa se mantém relativamente estável.

V - Conclusões

Refletir, investigar e debater sobre a problemática de sem-abrigo, devido à complexidade e multidimensionalidade que caracteriza esta população é um assunto delicado visto que não existe uma abordagem capaz de complementar as diferentes visões sobre este tema.

O atual estudo “*Solidão e bem-estar subjetivo em situação de sem-abrigo*” disponibiliza definições conceituais da população que ilustram a complexidade da problemática, definindo-a, aludindo à existência de percursos diferenciados de entrada na situação de sem-abrigo, e em simultâneo, explorando duas dimensões relevantes (solidão e bem-estar subjetivo) quando abordamos temáticas que nos remetem para a presença de necessidades especiais.

Uma das principais conclusões retiradas deste projeto são as barreiras e necessidades que os sem-abrigo sentem que limitam o processo da sua inclusão social, mas principalmente laboral. Shaheen e Rio (2007) esclarecem que o trabalho deve ser tido como uma das prioridades no que diz respeito à saída da situação de sem-abrigo. Neste sentido, como foi explorado ao longo do enquadramento teórico desta investigação existe uma relação entre rendimento (que pressupõe a obtenção de um trabalho) e a satisfação com a vida (Diener et al., 1999; Diener & Lucas, 2000; Diener & Biswas-Diener, 2002).

E, já que a solidão pode ser definida como a percepção cognitiva de que os contatos sociais dos sujeitos são insuficientes ou inadequados, acabando por gerar sentimentos de tristeza e vazio, foi interessante e ao mesmo tempo esperado, verificar que um dos fatores que leva os sem-abrigo a experienciar sentimentos de solidão são as relações sociais deficitárias, tais como a quebra nos laços familiares.

Uma limitação sentida na elaboração desta investigação, foi a dificuldade no encontro de estudos dirigidos a este grupo populacional ao nível das variáveis sociodemográficas.

Globalmente, a intervenção básica social nos sem-abrigo foca-se em providenciar abrigo, alimentação, higiene diária e acesso a serviços de saúde, no

caso de sujeitos com doenças específicas quer do foro mental, como físico e dependências.

Particularmente, no que concerne à habitação as respostas inspiradas no “*Housing First*” surgem como potenciais soluções a longo prazo desta problemática, já que atribuem ao indivíduo um papel ativo nos processos de mudança pessoais e comunitários, na integração social. Ao mesmo tempo, importa desenvolver e articular a cooperação interinstitucional com o objetivo de adequar as respostas sociais às necessidades de cada um. As comunidades locais desempenham igualmente um papel deveras importante, no sentido em que podem e devem investir em ações de sensibilização, a fim de desconstruir o estigma social associado a estes indivíduos (Ferreira, et al., 2015).

Alertando para a importância do papel dos técnicos e das instituições de apoio direto com pessoas em situação de sem-abrigo, surge a necessidade de chamar a atenção para importância de lhes ser dada formação contínua para que o seu trabalho seja efetuado sem nunca descuidar as necessidades, dificuldades e constrangimentos associados à complexidade e multidimensionalidade desta população (Ferreira, et al., 2015).

VI- Referências Bibliográficas

- Alter-Reid, K., M., Gibbs, J., Lachenmeyer, J. S., & Massoth, N. (1986). Sexual abuse of children: A review of empirical findings. *Clinical Psychology Review*, 6, 246 - 66.
- Ammerman, R., Cassi, J., Hersen, M., & Hassett, V. (1986). Consequences of physical abuse and neglect in children. *Clinical Psychology Review*, 6, 291–310.
- Aptekar, L. (1994). Street children in the developing world: A review of their condition, Cross-Cultural Research. *The Journal of Comparative Social Sciences*, 28, 195–224.
- Barreto, E. R., & Bento, A. (2002). *Sem-amor sem-abrigo*. Lisboa: Climepsi.
- Batista, I. (2009). The Drafting of the Portuguese Homeless Strategy: An Insight into the Process from a Governance- Oriented Perspective. *European Journal of Homelessness*, 3, 53- 74.
- Biswas- Diener, R., & Diener E. (2001). Making the best of a bad situation: Satisfaction in the slums of Calcutta. *Social Indicators Research*, 55, 329–352.
- Booth, R., Bartlett D., & Bohnsock J. (1992). An examination of the relationship between happiness, loneliness, and shy men in college students. *Journal of College Student Development*, 33, 157–162.
- Branden, N. (1994). *The six pillars of self-esteem*. New York: Bantam Books.
- Buhrich, N., Hodder T., & Teesson, M. (2000). Lifetime prevalence of trauma among homeless people in Sydney, Australian & New Zealand *Journal of Psychiatry*, 34, 963–966.
- Cruz, S., Neves, M., Quintas, R., Quintas, A., & Bastos, V. (2006). *Vidas à parte-passado, presente e futuro*. Porto: Associação dos Albergues Nocturnos do Porto.
- Cutrona, C. E. (1982). Transition to college: Loneliness and the process of social adjustment, in L. A. Peplau & Perlman D. (eds.), *Loneliness: A Sourcebook of Current Theory, Research and Therapy* (pp. 291-309). Wiley Interscience: New York.
- Davis, S. F., Hanson H., Edson R., & Ziegler C. (1992) The relationship between optimism–pessimism, loneliness, and levels of self-esteem in college students. *College Student Journal*, 26, 244–247.
- DiBiase, R., & Waddell, S. (1995). Some effects of homelessness on the psychological functioning of preschoolers. *Journal of Abnormal Child*

Psychology, 23, 783–792.

- Diener, E. (1984). Subjective well-being. *Psychological Bulletin*, 95, 542-575.
- Diener, E., & Biswas-Diener R. (2002) Will money increase subjective well-being?: A review and guide to needed literature. *Social Indicators Research*, 57, 119–169.
- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 653-663.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, R., & Grifflins, S. (1985). The satisfaction with life scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1), 71-75.
- Diener, E., & Lucas E. (2000) Explaining differences in societal levels of happiness: Relative standards, need fulfillment, culture, and evaluation theory. *Journal of Happiness Studies*, 1, 41–78.
- Diener, E., & Seligman M. (2002) Very happy people. *Psychological Science*, 13, 80–83.
- Diener, E., & Suh, E. (1997). Subjective well-being and age: An international analysis. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 17, 304- 324.
- Diener, E., & Suh, E. (1999). National differences in subjective well-being, in Kahneman, D., Diener, E., & Schwarz, N. (eds.), *Well-Being: Foundations of Hedonic Psychology* (pp. 434-450), Russell Sage Foundation: New York.
- Diener, E., & Oishi S. (2000). Money and Happiness: Income and subjective wellbeing across nations, in Diener, E., & Suh, E., M. (eds.), *Culture and Subjective Well-Being* (pp. 185-218). MIT press: Cambridge.
- Edgar, B., Doherty, J., & Meert, H. (2003). Review of statistics on homelessness in Europe. European Observatory on Homelessness. Acedido a 1 de Setembro de 2017: http://www.feantsa.org/files/transnational_reports/EN_StatisticsReview_2003.pdf.
- Edleman, M.W., & Mihaly L. (1989) Homeless families and the housing crisis in the United States. *Children & Youth Services Review*, 11, 91–108.
- Emídio, J., Firmino, H., & Serra, A.V. (1989). Estados de solidão na população em geral. *Psiquitria Clínica*. 10, 49-54.
- Ernst, J., & Cacioppo J. (1999) Lonely hearts: Psychological perspectives on loneliness. *Applied and Preventative Psychology*, 8, 1–22.

- Estratégia Nacional para Integração de Pessoas Sem-abrigo: Prevenção, Intervenção e Acompanhamento, 2009- 2015. Acedido em 14 de Agosto de 2017: http://www4.seg-social.pt/documents/10152/13334/enipsa_2009_2015.
- FEANTSA (2005). FEANTSA proposal for Urban Audit 2006. Brussels: FEANTSA.
- Ferreira, J. A., Santos, R. E., Ferreira, G. A., et. al. (2015). *Situação de Sem-abrigo e Inclusão Laboral: O valor do trabalho e das relações sociais*. Relatório, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação- Universidade de Coimbra, Portugal.
- Frederick, S., & Loewenstein, G. (1999). Hedonic adaptation: From the bright side to the dark side. in Kahneman, D., Diener, E. & Schwarz, N. (eds.), *Well-Being: Foundations of Hedonic Psychology* (pp. 302-329). Russell Sage Foundation: New York.
- Fromm-Reichmann, F. (1959). Loneliness. *Psychiatry*, 22, 1-15. MIT Press: Cambridge.
- Galinha, I., & Ribeiro, J. L. P. (2005). História e evolução do conceito de bem-estar subjectivo. Porto: *Psicologia, Saúde & Doenças*, 6 (2), 203- 214.
- Gilbert, P. (1992). *Depression: the Evolution of Powerlessness*. Hove: Lawrence Erlbaum Associates.
- Hansson, R. O., Jones W. H., Carpenter B. N., & Remondet I. (1986) Loneliness and adjustment to old age. *International Journal of Aging and Human Development*, 24, 41–53.
- Hien, D., & Bukszpan C. (1999) Interpersonal violence in “normal” low-income groups. *Woman & Health* 29, 1–16.
- Inglehart, R., & Klingemann H-D. (2000). Genes, culture, democracy, and Happiness, in Diener, E., & Suh, E., M. (eds.), *Culture and Subjective Well-Being* (pp.165-183). MIT Press: Cambridge Massachusetts.
- Jehu, D. (1989) Mood disturbances among women clients abused in childhood: Prevalence, etiology and treatment. *Journal of Interpersonal Violence*, 4, 164–84.
- Jones, W. H., Rose J., & Russell, D. (1990). Loneliness and social anxiety, in H. Leitenberg (ed.), *Handbook of Social and Evaluation Anxiety* (pp.247- 266). Plenum, New York)
- Karabanow, J. (2006). Becoming a street kid: Exploring the stages of street Me. *Journal of Human Behavior in the Social Environment*, 13(2), 49-72.

- Kim, M., Ford, J., Howard, D., & Bradford, D. (2010). Assessing Trauma, Substance Abuse and Mental Health in a Sample of Homeless Men. *Health & Social Work, 35*(1), 39 - 48.
- Lankenau, S. E. (1999). Stronger than dirt: Public humiliation and status enhancement among panhandlers. *Journal of Contemporary Ethnography, 28*, 288–318.
- Larson, R. (1978) Thirty years of research on the subjective well-being of. Older Americans. *Journal of Gerontology, 33* (1), 109-125.
- Lucas, R., Diener E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology, 71*, 616-628
- Marshall, G. N., Burnam M. A., Koegel, P., Sullivan G., & Benjamin B. (1996). Objective life circumstances and life satisfaction: Results from the Course of Homelessness Study. *Journal of health & Behavior, 37*, 44–58.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and Personality*. New York: Harper & Row.
- McWhirter, B. T. (1990) Loneliness: A review of current literature with implications for counselling and research. *Journal of Counselling and Development, 68*, 417–423.
- Medora, H., & Woodward J., C. (1986) Loneliness among adolescent college students at a mid-western university. *Adolescence, 21*, 391-402.
- Murphy, P., & Kupshik, G. (1992) Loneliness, Stress and Well-being: A Helper's Guide. London: Routledge.
- Neto, F. (1989). *Avaliação da solidão. Psicologia Clínica, 2*, 65–79.
- Neto, F. (2000). *Psicologia Social*. Volume II. Lisboa: Universidade Aberta.
- Neto, F. (1992). *Solidão, Embaraço e Amor*. Porto: Centro de Psicologia Social.
- Neto, F., Barros, J., & Barros, A. (1990). Satisfação com a vida. In L. Almeida, R. Santiago, P. Silva, O. Caetano, & J. Marques (Eds.). *A acção educativa: Análise psico-social*, Leiria, ESEL/APPORT.
- Nogueira, S., & Ferreira, J. (2007). A realidade psicossocial dos sem-abrigo: breve contributo para a sua caracterização. *Revista Portuguesa de Pedagogia, 41* (3), 195-205.
- Nyamathi, A., Wenzel, S., Keenan, C., Leake, B., & Gelberg, L. (1999) Associations between homeless women's intimate relationships and their health and well-being. *Research in Nursing & Health, 22*, 486–495.

- Pavot, W., & Diener, E. (1993). Review of the Satisfaction with life scale. *Psychological Assessment, 5*(2), 164-172.
- Parkes, C. M. (1996). *Bereavement: Studies of Grief in Adult Life*. 3rd edn. Harmondsworth: Penguin.
- Peplau, L. A, Perlman, D. (1982). Perspectives on Loneliness. In Peplau, L. A. & Perlman (eds.) *Loneliness – A Sourcebook on current Theory, Research and Therapy*. New York: John Wiley & Sons.
- Pocinho, M. (2010). *Estatística II*. Coimbra.
- Resick, P. (2001). *Stress and Trauma*. Hove: Psychology Press Ltd.
- Riggio, R. E., Watring K. P., & Throckmorton B. (1993). Social skills, social support, and psychosocial adjustment. *Personality and Individual Differences, 15*, 275–308.
- Rohner, R. (1986). *The Warmth Dimension: Foundations of Parental Acceptance-rejection Theory*. Beverly Hills: Sage.
- Rokach, A., & Brock H. (1997). Loneliness: A multidimensional experience. *Psychology: A Journal of Human Behaviour, 34*(1), 1–9.
- Rook, K.S. (1988) Toward a more differentiated view of loneliness, in S. Duck (ed.), *Handbook of Personal Relationships: Theory, Research and Intervention* (pp. 571-589). Wiley: Toronto.
- Salovey, P., Rothman A. J., Detweiler J. B., & Steward, W., T. (2000). Emotional states and physical health. *American Psychologist, 55*, 110–121.
- Sawyer, M. G., Pfeiffer, S., & Spence, S. H. (2009). Life events, coping and depressive symptoms among young adolescents: A one-year prospective study. *Journal of Affective Disorders 117*, 48-54.
- Shaheen, G., & Rio, J. (2007) Recognizing Work as a Priority in Preventing or Ending Homelessness. *Journal of Primary Prevention, 28*, 341-358.
- Shlay, A. (1994) Running on empty: Monitoring the lives and circumstances of formerly homeless families with children. *Journal of Social Distress & the Homeless 3*, 135–162.
- Silver, R., L. (1982). *Coping with an Undesirable Life Event: A Study Of Early Reactions to Physical Disability*. Doctoral Dissertation- Northwestern University, Evanston, Illinois.
- Simões, A. (1992). Ulterior validação de uma escala de satisfação com a vida

(SWLS). *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXVI, nº 3, 503-515.

- Simões, A. (1993). São os Homens mais Agressivos que as Mulheres? *Revista Portuguesa de Pedagogia*. XXVII, 387-404.
- Simões, A., Ferreira, J., A., G. A., Lima, M. M., Pinheiro, M. R. M. M., Vieira, C. M. C., Matos, A. P. M., & Oliveira, A. L. (2000). O bem-estar subjectivo: Estado actual dos conhecimentos. *Psicologia, Educação e Cultural*, VI (2), 243-279.
- Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., Vieira, C., Matos, A., & Oliveira, A. (2001). O bem-estar subjetivo dos idosos: Factores sociodemográficos e de personalidade. *Modelos e Práticas em Educação de Adultos*, 301-320, Coimbra: NAPFA.
- Simões, A., Ferreira, J., Lima, M., Pinheiro, M., Vieira, C., Matos, A., & Oliveira, A. (2003). O bem-estar subjetivo dos adultos: Um estudo transversal. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 37(1), 5-30.
- Sousa, F., & Almeida, S. (2001). E se perguntássemos aos sem-abrigo?! Satisfação e necessidades percebidas face aos serviços, num abrigo de Lisboa. *Análise Psicológica*, 2(XIX), 299-312.
- Stroebe, M., & Stroebe W. (1993). The mortality of bereavement: a review' in M Stroebe, W Stroebe & R Hansson (eds) (1993) *Handbook of Bereavement*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Stroebe, W., Stroebe, M., Abakoumkin, G., & Schut, H. (1996). The role of loneliness and social support in adjustment to loss: A test of attachment versus stress theory. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70, 1241-1249.
- Tipple, G., & Speak, S. (2005). Definitions of homelessness in developing countries. *Habitat International*, 29, 337-352.
- Toro, P. A., & Janisse, H. C. (2004, in press). Patterns of homelessness. In S. Barrow et al. (Eds.), *Encyclopedia of homelessness*. Great Barrington, MA: Berkshire Publishing/Sage. Acedido a 18 de Agosto de 2017 <http://sun.science.wayne.edu/~ptoro/hopats4.pdf>.
- Toro, P. A., & Warren, M. G. (1999). Homelessness in the United States: Policy considerations. *Journal of Community Psychology*, 27(2), 119-136.
- Tusaie, K., Puskar, K., & Sereika, S. M. (2007). A predictive and moderating model of psychosocial resilience in adolescents. *Journal of Nursing Scholarship*, 39(1), 54-60.
- Usbome, E., Lydon, J. E., & Taylor, D. M. (2009). Goals and social relationships: Solidão e bem-estar em pessoas em situação de sem abrigo
Ana Carolina Basílio de Saavedra Ribeiro (e-mail: inacarol1@hotmail.com) 2017

Windows into the motivation and well-being of “street kids.” *Journal of Applied Social Psychology*, 39, 1057-1082.

Veenhoven, R. (1984). Conditions of happiness. *Dordrecht, D. Riedel Publishing Bulletin*, 106, 249-264.

Vostanis, P., Cumella, S., Briscoe J., & Oyeboode F. (1996) A survey of psychosocial characteristics if homeless families. *European Journal of Psychiatry* 10, 108– 117.

Watson, D., Clark, L. A., & Tellegen, A. (1988). Development and Validation of Brief Measures of Positive and Negative Affect: The PANAS Scales. *Journal of Personality and Social Psychology*, 54, 1063-1070.

Weiss, R. S. (1973). *Loneliness: The experience of emotional and social isolation*. Massachusetts Institute of Technology. New England Typographical Service Inc.

Wilkenson, R. G. (1996). *Unhealthy Societies: The Affliction of Inequality*. London: Routledge.

Willcock, K. (2004). *Journeys out of loneliness*. London: Help the Aged.

Wood W., Rhodes, N., & Whelan, M. (1989). Sex differences in positive well-being: A consideration of emotional style and marital status. *Psychological Bulletin*, 106, 249- 264.